



26.º Angrajazz

Depois da tempestade

Texto NUNO CATARINO 07 OUTUBRO 2025

Entre os dias 2 e 4 de outubro, o já histórico festival açoriano apresentou três noites de concertos duplos. Artemis e Ekep Nkwelle destacaram-se.

A 26.ª edição do Angrajazz — que decorreu entre os dias 2 e 4 de outubro na cidade de Angra do Heroísmo, tendo por palco o Centro Cultural e de Congressos — arrancou assombrada pelo receio de um possível concerto cancelado. Com mais de quarto de século de experiência, a organização do festival planeia cautelosamente as chegadas dos músicos, que aterram na Terceira no dia anterior ao concerto, mas desta vez uma série de atrasos nos voos e nas ligações fez com que a segunda banda da primeira noite (o grupo de Stefano Di Battista) tivesse ficado em risco de não chegar a tempo à sua atuação. O avião acabou por chegar às Lajes quando o concerto inaugural tinha terminado e já se estava no intervalo; os músicos foram do aeroporto diretos para o palco e acabou por correr tudo bem, registando-se apenas um ligeiro atraso. Depois desse episódio, a equipa da organização pôde relaxar, o festival fluíu com toda a tranquilidade, onde não faltaram bons momentos, proporcionados por músicos consagrados e por estrelas em ascensão.

Resfriados

Como é da tradição, o festival açoriano arrancou, na noite de quinta-feira, com a atuação da Orquestra Angrajazz. Anteriormente, no dia 19 de setembro, a orquestra angrense — a mais longeva orquestra de jazz amadora do país, com mais de duas décadas de atividade — tinha-se apresentado no Auditório do Ramo Grande, na vizinha cidade de Praia da Vitória, num concerto que assinalou a comemoração dos 40 anos da FLAD — Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, com um repertório que evocou a passagem de Frank Sinatra pela ilha Terceira, há 80 anos (em junho de 1945, naquela que foi a sua primeira atuação em solo europeu). Foi a partir do repertório desse concerto que a orquestra trabalhou o concerto no Angrajazz. Com direção musical de Pedro Moreira e Claus Nymark, o projeto

vai além da função performativa e tem uma importante vertente de formação na região. Neste concerto (como no anterior), à orquestra juntou-se um músico convidado, o jovem cantor e baterista João Ribeiro. Ainda sem o convidado em palco, a orquestra abriu a atuação com “All of me”, exibindo o seu dinamismo e som de grupo envolvente. De seguida, Ribeiro subiu a palco, juntando-se à big band, começando pela inevitável canção-assinatura “Fly me to the moon”; e seguiu-se então uma sequência de clássicos intemporais: “Pennies from heaven”, “How about you?”, “That old black magic”, “September in the rain”, “The way you look tonight” e “Learning the blues”. Na voz, João Ribeiro mostrava-se uma boa surpresa: apesar de não exibir uma enorme amplitude vocal, não falhava nenhuma nota, sempre impecável em todos os momentos; fiel à interpretação dos clássicos, não deixava de dar uns pozzinhos de graça, revelando a sua personalidade com pequenos detalhes, sem distrair. Na orquestra, encontramos rostos que vamos revendo de ano para ano como Rui Borba e Rui Melo (ambos saxofonistas, ambos membros do comité organizador), Antonella Barletta (piano), Paulo Cunha (contrabaixo) ou Paulo Borges (trompete); e todos os anos a orquestra vai-se renovando e vão sempre surgindo caras novas. Desta vez, com foco apontado para a voz, os arranjos davam pouco espaço para solos e a orquestra exibiu sobretudo a sua dinâmica coletiva: um bom som de grupo, equilibrado, com todas as peças bem ligadas, excelente entrosamento sonoro, e o nível certo de pujança. Para fechar uma boa atuação, a orquestra e o cantor interpretariam dois temas mais populares, mas que seriam escolhas menos óbvias se pensarmos no repertório do “Ol’ Blue Eyes”: “My funny valentine” e “Cheek to cheek”. Na abordagem da orquestra, a música de Sinatra mostrou-se viva e enérgica, de boa saúde, não dando mostras de qualquer resfriado (e vale sempre a pena recordar o [histórico artigo](#) de jornalismo literário de Gay Talese).



Diretamente do aeroporto das Lajes para o auditório, o quinteto de Stefano Di Battista fez o *soundcheck* no palco, em tempo real, e apesar do imprevisto deu uma atuação memorável, marcada

pela boa disposição do líder saxofonista. Com um arranque vibrante (“Tu vuò fà l'americano”), registo que pontuou toda a atuação, o quinteto exibiu vivacidade, recorrendo a uma *setlist* recheada de temas bem conhecidos, sobretudo ligados ao cinema, que evocou e celebrou compositores italianos como Nino Rota, Ennio Morricone ou Nicola Piovani. Ao lado do saxofonista Di Battista estavam Matteo Cutello (no trompete), Andrea Rea (no piano), Daniele Sorrentino (no contrabaixo) e Luigi Del Prete (na bateria) — músicos que respondiam ao vigor do líder com igual ímpeto e imaginação. O alinhamento passou por bandas sonoras de filmes como *A vida é bela* (música de Piovani), *La dolce vita* (Rota) ou *O bom, o mau e o vilão* (Morricone); na segunda, Di Battista e Cutello irromperam pelo meio do público, num aceso duelo de saxofone e trompete; no clássico de Morricone, em versão bem acelerada, destacou-se o solo do trompete, que inclui uma citação de “Round midnight”. Para lá do cinema, ouviu-se ainda outra lenda italiana, Paolo Conte (na inesquecível “Via con me”). Os intervalos entre cada tema eram pontuados sempre com humor e, para despedida, o quinteto italiano fechou com um improvável *medley* que combinou “Come together” (The Beatles) e “Sunshine of your love” (Cream), e pelo meio, ainda incluiu uma citação de “So what?” (Miles). Os aplausos entusiásticos confirmaram o apreço do público; apesar de toda a turbulência, a viagem chegou a bom porto.



Revelações

O segundo dia de festival arrancou com um grupo português, numa toada mais despida: o trio de Samuel Lercher levou ao palco o álbum [Fractal](#). Ao lado do pianista luso-francês estavam os seus habituais parceiros: André Rosinha no contrabaixo e Bruno Pedroso na bateria. Logo no primeiro tema, “Simon’s Groove”, o trio surpreendeu a exibir um perfeito sincronismo: os músicos revelavam uma escuta profunda, atentos e responsivos, numa invejável comunicação. Aliás, os colaboradores de Lercher confirmaram que são músicos de excelentes e variados recursos: na bateria, Pedroso

dialogava com elegância e subtileza, sem choque; Rosinha alimentava o ritmo, mas estava muito atento à melodia — e vale a pena recordar que editou este ano um novo disco como líder, [Raiz](#) (em trio com João Paulo Esteves da Silva e Marcos Cavaleiro). O trio desenvolvia uma música recheada de lirismo, que funcionou surpreendentemente bem no espaço do Centro Cultural e de Congressos: com o público também atento e reverente e um ótimo som, que permitia sentir o detalhe de cada instrumento, particularmente o contrabaixo. O trio abordou os temas “Or’anda, desanda” (revisão de um tema popular de Vinhais, que contou com um belo solo de Rosinha), “P’ti Voyou” (cheio de mudanças rítmicas) e em “Salvador” pareceu-nos ouvir algo de Debussy — pouco depois, o pianista confirmaria a ligação ao compositor impressionista ao interpretar uma peça da suite *Children’s Corner* (“The Little Shepherd”). Apesar de ter assentado sobretudo no material do álbum *Fractal*, o concerto inclui material inédito: a nova composição “Life is an epic journey” (título de um futuro disco) e uma revisão do standard “All the things you are” (num arranjo que o transformou noutra coisa). E o concerto fechou igual ao álbum, com a sequência “Or” / “Sara”. Dos três músicos ouvia-se cada som, cada nota, dada com gravidade e intenção; e na união do trio ouvia-se uma música rica, plena de dinamismo e expansividade.



Após o intervalo, a música mudou de rumo. Todos os anos o festival açoriano reserva uma “slot” para uma proposta vocal, como forma de alcançar um público alargado, e este ano as fichas foram apostadas na cantora Ekep Nkwelle, norte-americana em processo de afirmação. Filha de pais camaroneses, nascida no país de Trump, Ekep começou a atuação em Angra a cantar o tema “Never never will I marry”. Destacou-se desde logo o piano com personalidade de Sequoia Snyder (aka REDWOOD), que não se limitava a sublinhados óbvios; e o quarteto completava-se com Liany Mateo no contrabaixo e Anwar Marshall na bateria. Se na entrada soou tímida, Ekep libertou-se ao segundo tema, e o aplauso entusiasmado confirmou a sua voz distinta: com enormes recursos e amplitude,

além de domínio e técnica. A atuação passou por Sarah Vaughn, “Night song” (popularizada por Bobby Darin), “Amazon farewell (Curumim)” de Djavan, “Moaning”. Evocando a sua religiosidade, Ekep combinou as palavras de Maya Angelou, “I know why the cage bird sings”, com o hino gospel “His eyes are on the sparrow”; num momento marcante. Outra ocasião memorável aconteceu com a sua interpretação, despida em piano e voz, de “Come Sunday” de Ellington (da suite *Black, Brown and Beige*). Para fechar, Ekep Nkwelle serviu-se de um blues para exibir todo o potencial do seu vozeirão, não deixando dúvidas entre o público. O Angrajazz tem promovido várias estreias nacionais e foi no festival angrense que se estreou, por exemplo, a cantora Cecile McLorin Salvant, que tem agora dimensão mundial. Também Ekep Nkwelle, que participa como convidada no recente disco do David Murray Quartet, *Birly Serenade*, revelou recursos para a afirmação global, que não deverá andar distante.



Estrelas

A noite final, de sábado, estava reservada para as maiores estrelas. Começou por atuar o veterano saxofonista David Murray, ao leme do seu recente quarteto. Neste grupo o norte-americano conta com a companhia da pianista Marta Sánchez, do contrabaixista Luke Stewart e do baterista Russell Carter. O grupo estreou a sua discografia com o ótimo *Francesca* (Intakt) e desde então já atuou em Portugal, com concertos na Amadora, [Braga](#) e Coimbra. Agora o quarteto acaba de editar um segundo álbum, *Birdly Serenade* (Impulse!), onde se incluem alguns temas cantados. No CCCAH, começou por se destacar o som marcante do saxofone tenor de Murray, forte e vibrante; e os restantes músicos foram-se apresentando em solos: Marta Sanchez no piano (atenção ao seu disco *Perpetual Void*), Stewart no contrabaixo, Carter na bateria. A *setlist* passou por “Come and go” (do disco anterior), “Anita et Anita” (gravado pelo saxofonista em trio com Brad Jones e Hamid Drake), “Song of the world” (com Marta em destaque na introdução) — e aqui, além de contornar as melodias, Murray mostrava-se incendiário,

intenso na exploração dos agudos; Murray mostraria a sua versatilidade e, além do saxofone, serviu-se também do clarinete baixo. Tal como já tinha acontecido em Braga, ao quarteto instrumental juntou-se em palco Francesca Cinelli, para dar voz a dois temas: “Oiseau de paradis” e “Bahia”: se o quarteto dava mostras de muita qualidade, a voz revelou estar um nível abaixo. Já sem a cantora, o concerto fechou com “Africa”, originalmente gravado por Murray com os caribenhos Gwo Ka Masters e Taj Mahal.



Para encerrar definitivamente o festival, e com chave de ouro, entrou em palco o quinteto norte-americano Artemis. Neste grupo *all-star*, a pianista Renee Rosnes (que tinha atuado no mesmo festival em [2023](#)), está acompanhada por Ingrid Jensen (no trompete), Nicole Glover (no saxofone tenor), Noriko Ueda (no contrabaixo) e Allison Miller (na bateria) — e o quinteto tinha aqui a sua estreia nacional, passando depois pelo Porto (Casa da Música) e Seixal ([SeixalJazz](#)). O concerto arrancou com o grupo em exploração, até que as linhas se sincronizam e o tema descola; tratava-se de “Galapagos”, curiosamente o mesmo tema que abriu a atuação da pianista há dois anos — e na altura Rosnes disse que escolheu o tema porque os Açores lhe faziam lembrar o arquipélago do Pacífico. Com três álbuns no catálogo, o grupo assentou a *setlist* no material do mais recente, *ARBORESQUE* — “Komorebi”, “Olive branch”, “Petrichor” (que significa o cheiro da terra depois da chuva), “Little cranberry”, “What the world needs now” (nunca é demais recordar as melodias perfeitas de Bacharach); e houve ainda um tema de Monk, o irresistível “Hackensack”. Se não faltaram bons solos (sobretudo assinados por Rosnes e Jensen), a atuação foi sobretudo marcada pela excelente dinâmica coletiva. Para a despedida foi recordado Wayne Shorter, com a interpretação viva de “Footprints” (que integra o mais recente álbum do grupo). O quinteto Artemis confirmou-se como uma banda superlativa, de excelentes instrumentistas, e muito bem oleada. Na despedida o público ficou conquistado, numa atuação que ficará para a história do festival.



Em paralelo ao programa principal, o festival promoveu o ciclo Jazz na Rua, com concertos em diferentes locais da cidade e ações de divulgação. Tivemos oportunidade de assistir a boas atuações dos grupos de Bruno Sebastien e João Ribeiro (este ao leme de um quarteto com Antonela Barletta no piano, Micaela Matos no saxofone e Paulo Cunha no contrabaixo, na livraria Lar Doce Livro). É bonito ver o jazz a invadir a cidade açoriana, não apenas nos seus lugares habituais (bares e cafés), mas também em espaços como livrarias, escolas, lojas de gelados e até de eletrodomésticos.



A jazz.pt viajou a convite do Angrajazz.